

# Fome, fome já não temos

N. 29/9/84 supl. "Zambézia"

## porque a machamba deu arroz

Este ano, na Zambézia, há arroz. O milho também não falta, mas do arroz da baixa Zambézia é que se fala. Por toda a Província não vimos, porém, nenhuma daquelas planícies a perder da vista, apetrechada com um poderoso exército de autocombinadas e tractores, apoiados por uma cobertura aérea de avionetas em luta desesperada contra pardais e insectos como

nos últimos anos tem sido habitual descrevermos, quando noticiamos sobre os (in)sucessos da batalha contra a fome. «Mas agora fome, fome, já não temos lá muita, porque a machamba deu arroz» — ouvimos de uma camponesa em Mutange. Comentário semelhante escutámos também em Macuse, Mocuba e mesmo nos subúrbios de Quelimane.

Quando se fala desta melhoria da produção de arroz em relação aos últimos anos ninguém se espanta e todos a consideram normal porque o

Governo distribuiu sementes e enxadas.

Com a tradição secular de cultivo de arroz em quase toda a baixa Zam-

bézia não há camponeses aqui que morra de fome se tiver sementes e enxadas. É uma tradição que vem dos primeiros contactos com os mercados do Oriente, bastante antes da chegada dos portugueses. Há mesmo zonas de montanha onde se cultivam certas variedades de arroz bastante resistentes à falta de água.

— Por isso, para que haja fome, em certas zonas da Zambézia, é necessário muito desprezo pelos camponeses — disse-nos em Quelimane, um homem conhecedor da situação económica da província.

Entre o matar a fome e a existência de certos excedentes de arroz, vai, porém, uma diferença. Entre as machambas vazias há cerca de um ano e a existência, neste momento, de algumas reservas para comercialização, a diferença é grande.

E quando nos apercebemos destas diferenças falamos sobre tudo de Mziva, Mucelo, Elisane, Sombo, Mopeia e Mutange. Tudo isto, são nomes de locais onde existem regadios que vão de 50 a 300 hectares.

A excepção do de Mutange que foi agora construído pelos camponeses, quase exclusivamente com trabalho manual, todos os restantes já existem há vários anos. Porém, desde 1976/1977 que aquelas terras estavam praticamente abandonadas.

Alguns eram regadios que em tempos pertenceram a grandes empresários, como o de Mziva, uma antiga propriedade da firma Monteiro e Giro Mopeia era um antigo colonato. Mucelo foi do extinto Instituto de Cereais. Em suma, havia de tudo para servir os mais diversos fins. Contudo, há vários anos que estas infra-estruturas estavam abandonadas.

Em finais do ano passado tomou-se consciência do imenso potencial agrícola representado por estas infra-estruturas abandonadas. Iniciou-se então, uma tentativa de recuperação em "contra-relógio".

— Tivamos que interessar os camponeses no trabalho para aproveitamento daquelas terras, envolvendo os próprios camponeses no sistema

de recuperação desses regadios — disse-nos o Ministro Mário Machungo, explicando-nos que não era possível nem desejável esperar que esta recuperação fosse apenas feita por terceiros.

O Estado investiu alguns meios, como pequenas motobombas e outros instrumentos para o manejo da água. Nem todos foram inteiramente recuperados. Contudo, em geral, cultivando por sistema de irrigação onde o trabalho realizado o permitiu, ou cultivando ainda em regime de sequeiro, os rendimentos alcançados pelos camponeses evidenciam significativos aumentos.

Segundo um técnico que acompanhou este trabalho há áreas onde se conseguiram cerca de quatro toneladas por hectare, enquanto noutras ficou-se por 1,5.

É evidente que nem todo o aumento da produção de arroz que se nota na província, se deve exclusivamente a estes regadios. Eles deram no entanto um contributo assinalável, sobretudo ao nível de excedentes para comercialização, o que é óbvio quando centenas de famílias camponesas conseguem obter produções acima de duas toneladas por hectare.

Mas é também evidente que esta iniciativa está já a ter implicações de grande impacto porque incidindo numa cultura cujas técnicas básicas os camponeses de toda a região conhecem bem, está a promover uma revolucionarização cautelosa da agricultura familiar.

— Temos de continuar a realizar este trabalho porque, de facto, sem fazer um mínimo de esforço para tornar a terra mais produtiva e dar maior segurança ao camponês para evitar o sistema rotativo do uso da terra, permitindo, pelo contrário, um uso mais intensivo da terra, também não podemos obter resultados muito consistentes — disse-nos o Ministro Mário Machungo, concluindo:

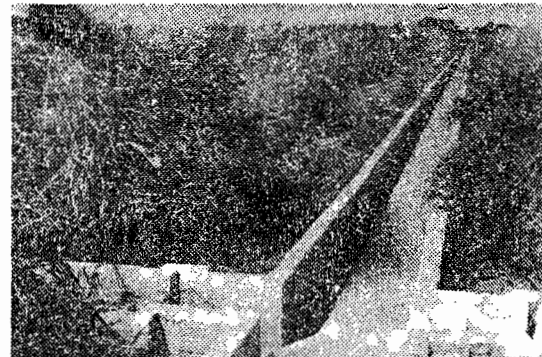
— Esse esforço de investimento destinado a melhorar as condições da terra é um esforço decisivo ao nível do sector familiar e cooperativo.

Este ano os esforços continuam. E com o apoio da Holanda a empresa hidráulica da Zambézia está a trabalhar com os camponeses de algumas daquelas áreas a prosseguir na recuperação dos regadios já existentes. Noutros locais trata-se de ampliar áreas, como é o caso de Mutange.

Um cidadão estrangeiro há muito residente na Zambézia e para quem não é de espantar que este ano haja arroz porque o Governo distribuiu sementes e enxadas, foi também de opinião que a produção talvez ainda não seja suficiente, mas em relação aos últimos quatro ou cinco anos é muito boa.



Crianças sem roupa, uma imagem vulgaríssima, mas menos impressionante do que a fome que hoje está atenuada



Um pequeno projecto: um regadio que não exigiu um investimento vultuoso mas que aumenta consideravelmente a eficiência do trabalho